



A raposa, o queijo e o corvo: análise à luz da semântica interpretativa de uma fábula de Jean-Pierre Verheggen

Lionel Sturnack*

Resumo: O texto que analisaremos segundo os desenvolvimentos propostos pela semântica interpretativa pertence à coletânea *On n'est pas sérieux quand on a 117 ans* (*Não se é sério quando se tem 117 anos*) e mais especificamente ao capítulo "Portrait de l'artiste en enfant idiot" (*Retrato do artista quando criança boba*), uma seção que reúne textos relativos às lembranças da infância do autor belga, Jean Pierre Verheggen. O texto "Fable" aparece como uma paródia da fábula "Le Corbeau et le Renard" (*A Raposa e o Corvo*), de Jean de La Fontaine. Com efeito, algumas fórmulas emblemáticas da fábula original foram mantidas, os atores são parecidos e, apesar de estar parodiado, a progressão é idêntica. Numa primeira etapa breve, mostraremos as semelhanças com a fábula de origem. Em seguida, será preciso efetuar uma primeira leitura do texto para caracterizar a impressão referencial e descrever os efeitos produzidos. Finalmente, vamos nos concentrar numa outra leitura, através da identificação das redes isotópicas subjacentes, da descrição da organização destas redes e dos efeitos produzidos referente a suas relações. Após a análise, tentaremos esclarecer os processos formais e as recorrências semânticas no texto e na obra geral de Verheggen. Por isso, proporemos expandir a análise temática com as denominações das várias isotopias e compor as moléculas de relações sêmicas sobre esta nova base.

Palavras-chave: semântica interpretativa, isotopias, poética, Jean-Pierre Verheggen, François Rastier

1. Para introduzir o objeto e o método¹

O texto que analisaremos segundo os desenvolvimentos propostos pela semântica interpretativa pertence à coletânea *On n'est pas sérieux quand on a 117 ans* (*Não se é sério quando se tem 117 anos*) e mais especificamente ao capítulo "Portrait de l'artiste en enfant idiot" (*Retrato do artista quando criança boba*), uma seção que reúne textos relativos às

lembranças da infância do autor belga, Jean Pierre Verheggen. O texto "Fable" aparece como uma paródia da fábula "Le Corbeau et le Renard" (*A Raposa e o Corvo*), de Jean de La Fontaine. Com efeito, algumas fórmulas emblemáticas da fábula original foram mantidas, os atores são parecidos e, apesar de estar parodiado, a progressão é idêntica. Numa primeira etapa breve, mostraremos as semelhanças com a fábula de origem. Em seguida, será preciso efetuar uma primeira leitura do texto para caracterizar a impressão referencial e descrever os efeitos produzidos. Finalmente, vamos nos concentrar numa outra leitura, através da identificação das redes isotópicas

¹ Queremos agradecer a Bruna Paola Zerbinatti por ter nos ajudado a traduzir os trechos mais literários do francês para o português e por efetuar as correções ortográficas de nosso idioma português imperfeito.

subjacentes, da descrição da organização destas redes e dos efeitos produzidos referente a suas relações. Após a análise, tentaremos esclarecer os processos formais e as recorrências semânticas no texto e na obra geral de Verheggen. Por isso, proporemos expandir a análise temática com as denominações das várias isotopias e compor as moléculas de relações sêmicas sobre esta nova base.

Os métodos da semântica interpretativa que usaremos para efetuar a análise funcionam segundo quatro eixos de análise independentes e complementares que permitem, num discurso, identificar as unidades semânticas presentes e suas organizações segundo vários níveis. Ela difere de muitos outros métodos de análise do discurso que cuidam dos significados linguísticos como unidades minimais, enquanto ela faz caber os semas que compõem os significados linguísticos. Além disso, diferentemente da tradição linguística na qual se inscreve, ela trata dos caracteres semânticos relativos à frase e ao texto, estes podendo assim ser considerados como unidades semânticas. Então, é um método analítico que permite descrever de maneira muito precisa a temática de um discurso, os modos de articulação peculiares das unidades semânticas que utiliza, descrever suas modalidades vericondicionais segundo o enunciador e/ou os universos de referência e, finalmente, expor o desenvolvimento tático do discurso. Em resumo, a metodologia apresentada oferece um processo analítico tanto rigoroso como complexo e poderoso. Quanto ao texto do qual trataremos ao longo deste artigo, vamos nos centrar na análise temática. Esta procede segundo a identificação sistemática dos semas e sememas constitutivos das isotopias presentes no texto. As isotopias são diversas e não compartilham os sememas de um texto mas entrecruzam-se numa rede complexa de diferenças e de homologações que a análise se encarrega de esclarecer. Ela propõe desenvolver a análise temática utilizando uma rede de conceitos linguísticos que vamos definir. Assim, é preciso reconhecer o semema como sendo o conteúdo do morfema linguístico, e extrair os semas que o compõem para decidir a qual isotopia definida pode pertencer. A identificação destes semas se efetua de acordo com: 1. O reconhecimento do grau de

generalidade linguístico do sema²; 2. A sua genericidade³ ou a especificidade⁴; 3. O seu caráter inerente⁵ ou aferente⁶. A dificuldade e o interesse do método consistem em reconhecer e analisar os semas específicos aferentes porque, neste caso, o estudo do texto está enriquecido da tópica, que é o setor socioletal da temática (Rastier, 1989, 280). Desse modo, a identificação do sema depende do reconhecimento do tipo de norma que pode administrar a aferência: socioletal/sociocultural ou idioletal/textual. Assim, como vamos ver na análise, o sema específico aferente /oralidade/ opera a condensação entre a isotopia mesogenérica /religião/ e a isotopia microgenérica /queijo/ segundo uma norma idioletal. Isso significa que em vários lugares, ou seja, em vários textos, o autor atribui aos sememas que pertencem ao taxema //queijo// (ao acaso: ‘Gouda’, ‘Emmental’, ‘Camembert’, ‘Maroilles’, etc.) e ao domínio //religião// o sema específico /oralidade/, este sema sendo então aferente segundo uma norma idioletal. Neste caso, esta operação serve para desvalorizar a instituição religiosa. Em outro caso, o sema /oralidade/ poderia ser aferente socioletal se fosse uma cultura que atribui ao queijo este sema, no caso imaginário de uma

² O sema pertence necessariamente a uma classe semântica cujo grau de generalidade varia segundo o tipo de classe. Assim, o sema que é relativo a um taxema será chamado microgenérico e o sema relativo a um domínio será chamado mesogenérico e, finalmente, macrogenérico se for relativo a uma dimensão. Quanto a definir o três tipos de classe semântica, de acordo com Rastier:

Taxema: classe de sememas minimal na língua, na qual estão definidos seus semantemas e seu sema microgenérico comum (Rastier, 1989, p. 281). Tradução nossa (usaremos o acrônimo T.N. a partir de agora).

Domínio: grupo de taxemas, ligado ao redor socializado de modo que num determinado domínio, não existe polissemia (Rastier, 1989, p. 278). T.N.

Dimensão: classe de sememas de generalidade superior, independente dos domínios. As dimensões estão agrupadas em categorias pequenas (Ex.: //animado// vs. //inanimado//) (Rastier, 1989, p. 278). T.N.

³ Sema genérico: elemento do clasema característico da filiação do semema a uma classe semântica. (Rastier, 1989, p. 280). Clasema: conjunto dos semas genéricos de um semema (Rastier, 1989, p. 277). T.N.

⁴ Sema específico: elemento do semantema que coloca em contraste o semema com um ou mais sememas no taxema a que pertence. Ex.: /sexo feminino/ para ‘mulher’ (Rastier, 1989, p. 280). T.N. Semantema: conjunto dos semas específicos de um semema (Rastier, 1989, p. 280). T.N.

⁵ Sema inerente: sema herdado do tipo pela ocorrência (Rastier, 1989, p. 280). T.N.

⁶ Sema aferente: extremidade de uma relação antissimétrica entre dois sememas que pertencem a diferentes taxemas. Ex. /fraqueza/ para ‘mulher’. Um sema aferente está atualizado por uma instrução contextual (Rastier, 1989, p. 280). T.N.

cultura que usa da variedade das unidades do taxema //queijo// como gíria para xingar alguém.

Finalmente, relativamente às convenções de notação das unidades, adotamos as usadas por François Rastier e definidas em *Sens et Textualité* (Rastier, 1989). Deste modo, as convenções de notação neste artigo serão as seguintes: “signo”; significante; /sema/; ‘semema’; //classe semântica//; l‘conteúdo substituído por reescritura’l (Rastier, 1989, p. 282).

2. De La Fontaine até Verheggen

Precisamos, antes de estudar a temática, verificar as relações entre o texto “Fable” de Verheggen, e a fábula original de Jean de La Fontaine (“Le Corbeau et le Renard” – “A Raposa e o Corvo”), já que há uma intertextualidade aparente entre eles. Este levantamento é indispensável mesmo que breve já que algumas das formulações tomadas à fábula de origem estarão identificadas como pertencendo a uma base cultural comum e caracterizando a isotopia /literatura/. Assim, começamos com a reprodução do texto em análise⁷:

Fable

*La fable d'enfance qui avait toute ma préférence
c'était: Maître Corbeau sur un arbre perché, tout perclus, et
qui tenait dans son sphincter anal un fromage à pâte molle du
genre quart Maroilles! Maître Renard par l'odeur attiré et
l'irrésistible envie de lui lécher le trou d'balle le dispensait de
tout récitation, pour lui promettre en échange de ce vrai régal, un
sodome de Savoie et un gros mor, un gros mor, un gros mor (il
en salivait d'avance, le salaud) un gros morceau de
Gorgonzola! À ces mots, Maître Corbeau ne se sentait plus de
Freud-la-joie et inconscient du danger, battait des ailes,
frétillait du p'tit guichet et ouvrait tout large son rondibé!*

Moralité

*Au lieu de se pousser du col en cherchant à chanter du
cul, il eût mieux valu qu'il veillât à relire tout son Emile
Gorgonzola et, en bon socialo, qu'il ne partageât jamais quoi*

⁷ Escolhemos colocar a versão francesa do texto no corpo do artigo pela razão simples de que efetuaremos a análise sobre a base da organização semântica da língua francesa. Também por isso, todas as traduções que propomos dos textos de Jean-Pierre Verheggen são traduções *littéraires*, já que o autor opera sempre mudanças com a substância fônica das palavras, que implica jogos semânticos particulares os quais uma tradução literária não relatária, pelo menos no âmbito de uma análise semântica em língua estrangeira.

*que ce soit, avec qui que ce fût, et surtout pas son postérieur
avec le premier Marx l'Explorateur venu!*⁸ (Verheggen, 2001,
p. 73).

« Le corbeau et le Renard » « A Raposa e o Corvo »	« Fable » « Fábula »
1. Maître Corbeau sur un arbre perché Mestre Corvo numa árvore empoleirado ⁹	Maître Corbeau sur un arbre perché Mestre Corvo numa árvore empoleirado
2. Tenait dans son bec un fromage Segurava no seu bico um queijo	Tenait dans son sphincter anal un fromage Segurava com o seu esfíncter anal um queijo
3. Maître Renard, par l'odeur alléché Mestre Raposa, pelo cheiro aliciado	Maître Renard, par l'odeur attiré ... lécher Mestre Raposa, pelo cheiro atraído... lamber
4. À ces mots, le Corbeau ne se sentit plus de joie Com estas palavras, Mestre Corvo não cabe entre si de contente	À ces mots, Maître Corbeau ne se sentait plus de Freud-la-joie Com estas palavras, Mestre Corvo não cabia entre si de Freud-o-gozo
5. Il ouvre un large bec Ele abre um grande bico	Ouvrait tout large son rondibé Abriu toda larga a sua rosca

Figura 1- Comparação dos trechos semelhantes.

As formulações retomadas da fábula de origem são de caráter diferente. Assim, se nos referirmos à tabela comparativa dos trechos semelhantes (ver figura 1), o único destes que é fiel à fábula de La Fontaine é o primeiro: “Maître Corbeau sur un arbre perché” (Mestre Corvo numa árvore empoleirado). Em relação às outras frases, se uma parte da formulação é conforme, Verheggen a transforma, operando ora uma permutação de lexemas (2, 3 e 5), ora uma adjunção de lexemas (4). Além das frases retomadas, vários elementos foram mantidos

em comparação à narrativa de origem: os atores (Mestre Corvo e Mestre Raposa), o curso geral da narrativa (o Corvo empoleirado numa árvore e a raposa que o lisonjeia para obter o seu objeto de valor) e, também, o desafio da estória (o queijo), apesar de ser mais complexo neste caso (com a adição do desejo de sexo anal com o desejo do queijo). Contudo, a paródia mudou muitos elementos. O texto inteiro está repleto de referências com vários tipos de queijos, de tal modo que se impõe uma leitura que leva em consideração estas numerosas

⁸ Fábula

A fábula de infância que era a minha preferida, era: Mestre Corvo em uma árvore empoleirado, paradinho, segurando com o seu esfíncter anal um queijo de massa mole tipo Quart Maroilles ! Mestre Raposa, pelo cheiro atraído e a vontade irresistível de lamber-lhe o fiofó, o isentava de qualquer recital, para prometer em troca desta real delícia, um Sodoma de Savoie e um grande pe, um grande pe, um grande pe (ele salivava previamente, o bastardo) um grande pedaço de Gorgonzola! Com estas palavras, Mestre Corvo não cabia entre si de Freud-o-gozo e, inconsciente do perigo, batia asas, abanava o butico e abria toda larga a sua rosca !

Moralidade

Em vez de ficar se achando o máximo procurando cantar com o cu, era melhor que ele procurasse ler novamente todo seu Émile Gorgonzola e, bom vermelhinho que ele é, que nunca compartilhasse coisa nenhuma com ninguém, e especialmente não seu traseiro com o primeiro Marx l'Explorateur vindo!

(Tradução nossa)

⁹ Na incapacidade de encontrar uma tradução suficientemente próxima da versão francesa, fizemos uma tradução literal dos trechos da fábula de La Fontaine. Repetimos que esta proximidade da tradução se revelou necessária para efetuar uma análise semântica em língua estrangeira.

ocorrências. Mostraremos o que esta leitura permite construir.

3. A análise temática

Dedicar a análise à temática impõe desenvolvimentos amplos com os quais, como analista, temos que 1. Identificar as recorrências isotópicas que aparecem na leitura; 2. Constituir estas segundo os seus tipos de organização linguístico-discursiva, 3. Descrever e explicar os efeitos das suas inter-relações. De acordo com um tal programa, propomos na seção seguinte (3.1) realizar o rastreamento das isotopias e compor listas descritivas das suas organizações. Depois desta parte, propomos (3.2) um modelo segundo o qual poderíamos entender tanto o sentido específico do texto analisado como o de vários textos do autor. Por fim,

faremos algumas considerações referentes à poética do autor, que conseguiremos estudar com o modelo proposto.

3.1. Identificação das isotopias

Entre as isotopias que podemos identificar à primeira vista, aparecem duas dominantes que estruturam a leitura do texto e produzem a impressão referencial da narrativa. A primeira reúne sememas que têm como taxema //queijo//, que serão indexados na isotopia microgenérica /queijo/. A segunda isotopia que podemos identificar depende do sema específico /anal/ delineado no texto e que promove /anal/ como isotopia específica. Estas duas primeiras isotopias serão agora marcadas i1 (/queijo/) e i2 (/anal/) ao longo da análise.

<i>Sememas que possuem o sema microgenérico /queijo/ de maneira inerente</i>	<i>Sememas que possuem o sema microgenérico /queijo/ de maneira aferente (relativa a uma norma textual/dioletoal)</i>
'fromage' - 'queijo'	'Pâte molle' - 'massa mole'
'Quart Maroilles'	'Régál' - 'delícia'
'Sodome' → 'Tommel de Savoie'	'Odeur' - 'cheiro'
'Gorgonzola'	'Morceau' - 'pedaço'
'Emile Gorgonzola' → 'Gorgonzola'	'Freud-la-joie' → 'joie' - 'Freud-o-gozo' → 'gozo'
'Marx l'Explorateur' → 'l'Explorateur'	'partager' - 'compartilhar'

Figura 2 – Distribuição dos sememas de i1 (/queijo/).

Na primeira coluna da tabela dedicada à isotopia microgenérica /queijo/ (ver figura 2), aparecem os sememas que possuem o sema /queijo/ de maneira inerente, entre os quais todos os nomes de queijos qualificando tipos ou apelações famosos: o “Quart Maroilles”, a “Tomme de Savoie”, o “Gorgonzola” e o “l'Explorateur”¹⁰. Integramos os trocadilhos como “Emile Gorgonzola” et “Sodome de Savoie”, mesmo que, no segundo, o semema “Tomme” é dado por uma reescritura. Esta é autorizada graças à proximidade fônica entre Tomme e Sodome, e à presença de ‘de Savoie’, que opera como interpretante¹¹ para a reescritura da lexia. Na segunda coluna estão indexados os sememas cujo sema, relativo à isotopia retida, fica atualizado no contexto. Fornecemos nos anexos a lista destes sememas com a justificativa da indexação (ver anexo 1). Tanto neste

caso como em outros, a tática suporta a temática. Com efeito, alguns sememas devem o sema isotopante à posição sintática que ocupam na frase. Isto ocorre com ‘régál’ (‘delícia’), ‘odeur’ (‘cheiro’), ‘morceau’ (‘pedaço’) et ‘partager’ (compartilhar) para i1 (/queijo/). Para as próximas isotopias, operaremos de acordo com este método desenvolvido para a primeira, efetuando uma separação entre aferência, inerência e as normas de indexação. Podemos pensar, neste momento da análise, que a impressão referencial se estabelece graças à presença relativamente importante de sememas que possuem o sema identificador da isotopia de modo inerente. A mesma nota¹² pode ser enunciada quanto à segunda isotopia dominante, a isotopia específica /anal/, escrita i2.

<i>Sememas que possuem o sema /anal/ de maneira inerente e genérica</i>	<i>Sememas que possuem o sema específico /anal/ de maneira aferente (relativa a uma norma textual/idioletal)</i>	<i>Sememas que possuem o sema específico /anal/ de maneira aferente (relativa a uma norma cultural/socioletal)</i>
'Anal'	'Sphincter' - 'esfíncter'	'Freud-la-joie' → l'Freud'l 'Freud-o-gozo' → l'Freud'l
'Trou d'balle' - 'fiofó'	'Régál' - 'delícia'	'Enfance' - 'infância'
'Sodome de Savoie' → l'Sodome'l - 'Sodome de Savoie' → l'Sodoma'l	'P'tit guichet' - 'butico'	'Moralité' - 'moralidade' l'Gomorrhe'l - l'Gomorra'l
'cul' - 'cu'	'odeur' - 'cheiro'	
'postérieur' - 'traseiro'	'Attirer' - 'atrair'	
'rondibé' - 'rosca'	'envie' - 'vontade'	
	'saliver' - 'salivar'	
	'salaud' - 'bastardo'	
	'lécher' - 'lamber'	
	'joie' - 'gozo'	
	'Frétiler' - 'abanar'	
	'Maître' - 'Mestre'	
	'partager' - 'compartilhar'	
	'Marx l'Explorateur' → l'explorateur'l 'Marx l'Explorateur' → 'explorador'l	

Figura 3 Distribuição dos sememas de i2 (/anal/).

À primeira vista, a isotopia parece importante, já que foi possível identificar com ela inúmeros sememas (ver figura 3). Desta vez, os sememas escolhidos são de três ordens: os sememas que possuem o sema /anal/ ora de maneira inerente e genérica (coluna 1), ora de maneira aferente

e específica. Neste segundo caso, ora o sema está atualizado de acordo com uma norma textual ou idioletal (coluna 2, que apresenta o caso das anáforas e da posição tática do semema, como vimos com i1), ora o sema está atualizado graças a uma norma cultural ou socioletal.

¹⁰ Rastier define o “interpretante” como “um elemento lingüístico ou semiótico que permite estabelecer uma relação sêmica (Rastier, 1989, p. 279). T.N. Os interpretantes são indispensáveis no caso das reescrituras.

¹¹ Também são reunidos com o sema específico /massa mole/, já que todos são queijos de massa mole, o que é um tipo particular de queijo. Veremos nas conclusões o que podemos fazer com esta nova especificidade.

¹² Apesar de ser específica, ela possui alguns sememas cujo sema é inerente. Assim, neste caso, diremos que a isotopia é específica por ter um maior número de sememas que lhe pertencem de modo aferente e por causa da impossibilidade de promover /anal/ ao grau de classe semântica. Mas o estabelecimento da isotopia só foi possível graças à presença do núcleo inerente que impôs a identificação efetuada.

Propomos ao leitor as justificativas das identificações das colunas 2 e 3 em anexo (ver anexo 2). Nestas aparece que o número de sememas identificados como parte da segunda isotopia é mais alto que o da primeira. A isotopia /anal/ reúne, contudo, mais sememas que possuem o sema isotopante de maneira aferente, apesar de ser específica. Além disso, ela não compartilha tantos sememas com i1: nas duas cabe só ‘Sodome de Savoie’, situação devida ao trocadilho.

As duas isotopias sendo estabelecidas permanecem muitos sememas que não foram indexados em nenhuma. Além disso, considerando a moralidade do texto, vemos que o narrador convida o Corvo para fazer uma releitura. Não podemos deixar, também, de efetuar uma releitura do texto na qual caberiam os sememas deixados de fora. No entanto, nesta moralidade, observam-se alguns sememas que contrastam com o tom descarado instaurado com as duas primeiras isotopias (mesmo que fiquem algumas ocorrências destas em ‘cul’ (‘cu’), ‘Gorgonzola’, ‘partager’ (‘compartilhar’), ‘postérieur’ (‘traseiro’) e ‘Explorateur’ (‘explorador’)). Estes sememas deixados são: ‘socialo’ (‘vermelhinho’), ‘Emile Gogonzola’ e ‘Marx l’Explorateur’¹³. O que parece à primeira vista reunir estes três sememas é seu vínculo com a política esquerdista, assim como a presença do semema ‘socialo’ (‘vermelhinho’) o sugere. Seria possível, então, efetuar uma releitura da fábula que integra outros sememas em um novo feixe isotópico filiado ao domínio //política//. A moralidade, pois, convida o leitor a ver a história da Raposa e do Corvo sob este ponto de vista que enfatizará a temática política de duas maneiras: qualificando a Raposa de ‘Marx l’Explorateur’ e, de outra parte, estabelecendo o Corvo na filiação de Émile Zola e caracterizando-o como ‘socialo’ (‘vermelhinho’). Na realidade, o sema ‘vermelhinho’ atua como interpretante para muitos outros sememas. Assim, poderíamos efetuar uma leitura política da fábula – o que seria uma leitura privilegiada¹⁴ mas que se revelaria ainda mais

pertinente à luz de uma análise dialógica encarregada de mostrar os papéis actanciais. Seja como for, notamos a presença importante da isotopia política (que agora chamaremos i3 (/política/)). Embora não efetuemos o rastreamento completo por falta de espaço, o leitor pode encontrar as justificativas das indexações nos anexos (ver anexo 3). Entretanto, trata-se de uma isotopia que possui alguns sememas que são culturalmente fáceis de reconhecer (l’Marx’l, l’Zola’l, ‘Corbeau’, ‘Renard’ etc.). Veremos mais adiante o uso que se pode fazer da identificação desta terceira isotopia no momento de compor as moléculas sêmicas (3.2). Terminaremos a identificação temática com uma isotopia mesogenérica que aparece subjacente mais que se revela importante e muito presente. Chamaremos esta isotopia de /literatura/. Nela cabem numerosos sememas (15) e, como podemos ver na lista (ver figura 4), há, em comparação com a /política/, um número mais importante de sememas que têm o sema /literatura/ de maneira inerente. Relativamente à distribuição, tivemos dúvidas no momento de decidir a integração das reescrituras l’Emile Zola’l, l’Freud’l, l’Marx’l e l’Max l’Explorateur’l já que pertencem sem dúvidas ao campo da literatura mas achamos que seria linguisticamente errado dizer que possuem o sema mesogenérico de maneira inerente. O leitor encontrará as justificativas das indexações em anexo (ver anexo 4).

¹³ Estes dois sememas foram indexados inteiramente nas listas das duas primeiras isotopias, mas foi feito por escrúpulo metodológico, ou seja, para dar conta dos trocadilhos antes de ser reescritos. Ambos serão reescritos adequadamente nas próximas isotopias do mesmo jeito.

¹⁴ Esta terceira isotopia tem ainda mais sememas, embora tenham o sema identificador de maneira aferente, com a exceção notável de ‘socialo’ (‘vermelhinho’).

Sememas que comportam o sema de maneira inerente	Sememas que comportam o sema de maneira aferente (e relativo a uma norma textual)	Sememas que comportam o sema de maneira aferente (e relativo a uma norma sociocultural)
'fable' - 'fábula'	'morceau' - 'pedaço'	'Maître Corbeau' - 'Mestre Corvo'
'genre' - 'gênero'	'mots' - 'palavras'	'Sur un arbre perché' - 'numa árvore empoleirado'
'recital' - 'recital'		'Maître Renard' - 'Mestre Raposa'
'moralité' - 'moralidade'		'Sodome' - 'Sodoma' l'Gomorrhe' - l'Gomorra'
'relire' - 'ler novamente'		'Emile Gorgonzola' → l'Emile Zola'
		'Freud-la-joie' → l'Freud'
		'Marx l'Explorateur' → 'Marx'
		'Marx l'Explorateur' → lMax l'Explorateur'*

* *Max l'Explorateur* é o nome de uma série de histórias em quadrinhos do escritor e ilustrador Barra. As HQs apresentam aventuras que acontecem entre o herói (Max), os animais e os indígenas das regiões que ele explora.

Figura 4 Distribuição dos sememas de i4 (/literatura/).

Depois do estabelecimento das quatro isotopias, constatamos que todas compartilham vários sememas. Propomos então ver o interesse que estes cruzamentos isotópicos poderiam ter. Gostaríamos apenas de lembrar que encontramos até agora quatro isotopias, entre as quais a microgenérica /queijo/ (i1), a específica /anal/ (i2), as mesogenéricas /política/ (i3) e /literatura/ (i4). Fizemos uma conta dos sememas compartilhados para cada relação possível, ou seja, as seis relações seguintes com o resultado em número de sememas compartilhados: (i1)-(i2) = 3; (i1)-(i3) = 2 ; (i1)-(i4) = 2; (i2)-(i3) = 5; (i3)-(i4) = 7; (i2)-(i4) = 3. Notamos que i3 (/política/) é a isotopia que está mais relacionada às outras embora seja bastante subjacente em comparação com i1 ou i2. No entanto, mesmo que /política/ seja mais aferente que inerente, a interpretação política da fábula faria sentido, já que esta leitura é proposta pelo narrador mesmo no momento "moralidade". Neste estágio, poderíamos dizer que uma tal leitura seria legitimada de duas maneiras: com a onipresença da isotopia nos cruzamentos isotópicos e também de acordo com a vocação primeira do gênero da fábula como sátira política. Mas uma tal leitura seria pobre em relação à riqueza do texto. Por isso, podemos ver que algumas lexias aparecem mais densas que outras, ou seja, que estão no cruzamento de mais de duas

isotopias. Estes são os três trocadilhos: "Sodome de Savoie", "Emile Gorgonzola" e "Marx l'Explorateur", aos quais podemos adicionar "moralidade". Se pegarmos apenas estas quatro palavras, o que parece uni-las, do ponto de vista temático e além das suas relações com i4 (/literatura/), é a relação forte que todas têm com o domínio //religião//. Cada uma pertence a ele por razões diferentes e variáveis. 'Moralité' ('moralidade') mantém um vínculo indubitável com o domínio já que as doutrinas que estabelecem as relações do Homem com Deus criam necessariamente uma ética ou uma Moral. Os outros três podem estar indexados segundos diferentes razões: 'Sodome' se refere à cidade de Sodoma que foi destruída "do enxofre e do fogo de Jeová" (Gênesis 19 : 24); Marx é um dos principais opositores à Igreja (não é ele quem diz que a religião é o ópio do povo ?). Resta Émile Zola que, se não for justificável com seus próprios elementos, o seria com o idioleto de Verheggen. Com efeito, "Fable" não é o único exemplo com que o autor intrinca vários campos semânticos. Podemos ver isso em "Saints Fromages": « Si je place sous une cloche [...] Pie I, Pie II, Pie III et autres papes de la même famille fleurant bon la même odeur de sainteté [...] qu'est-ce que j'obtiens in fine. [...] Pue 1, Pue 2, Pue 3, jusqu'à Pue XII (le plus collabo des calendos) ...»

(Verheggen, 2006, p. 97)¹⁵. Há também, num outro excerto referente ao texto « a Raposa e o Corvo » de la Fontaine: « *Etait-ce un grossier merle ou tout simplement un curé embarqué dans un marché mal emmanché qui voit le futé goupil lui fourrer sa queue dans le rondibé tout en la lui promettant, après l'avoir naturalisée, comme goupillon pour asperger ses éternels regrets d'avoir été ainsi proprement enculé ?* » (Verheggen, 2004, p. 79)¹⁶. Outro ainda em « Le Renard a de sales histoires » (“A raposa tem histórias sujas”): « *Le Renard et la Corbeille nuptiale (même pour tous les fromages du monde, le Renard n'épousera jamais la soeur d'un curé)* » (Verheggen, 2006, p. 18)¹⁷. Estes trechos mostram que aqueles cruzamentos isotópicos são usuais no estilo do Verheggen e que o vínculo entre /queijo/ e /religião/ é um elemento idioletal do autor. Achamos ter elementos suficientes para constituir a isotopia /religião/. Os sememas indexados nela estão na lista justificativa que aparece nos anexos (ver anexo 5).

Temos então sememas suficientemente numerosos para estabelecer uma isotopia estável: i5 (/religião/). Se pegarmos de novo os cruzamentos isotópicos, a conta muda com esta nova isotopia na qual cabe um número importante de sememas. Assim, cruzando as cinco isotopias entre si, temos desta vez dez relações, cujas três mais notáveis: (i2)-(i5) = 8; (i3)-(i5) = 13; (i4)-(i5) = 11. Podemos ver que o reconhecimento da isotopia mesogenérica /religião/ constitui um fator de coerência em comparação à temática de Verheggen em termos de recorrência sêmica. Mas, se tiver que explicar o texto à luz da nova isotopia /religião/, a análise não diferiria tanto em comparação à leitura que promove uma isotopia política. Além disso, por um lado, a presença da única religião não permite explicar como funciona tal diversidade isotópica, só adiciona uma dificuldade mesmo que seja coerente. Por outro lado, tal análise

¹⁵ “Se eu colocar sob um sino [...] Pio I, Pio II, Pio III e outros papas da mesma família cheirando bem o mesmo odor de santidade [...] + o que eu obtenho in fine. [...] Fedor 1, Fedor 2, Fedor 3, até Fedor XII (o mais colaborador dos *calendos*) ...”. T.N.

¹⁶ “Era um melro grosseiro ou muito simplesmente um pároco colocado em uma negociação mal feita em que vê a esperta raposa recheando seu rabo na rosca enquanto lhe promete, após ter naturalizado como hissope para aspergir seus eternos arrependimentos de ter sido, assim, propriamente fodido?”. T.N.

¹⁷ “A Raposa e o Cesto nupcial (mesmo por todos os queijos do mundo, a Raposa não desposará jamais a irmã de um pároco)”. T.N.

não caberia nas poucas páginas que temos ainda para explicar como o autor consegue interpolar tantas isotopias. Já começamos o desenvolvimento alguns parágrafos antes, mostrando as reuniões que o autor fez entre definidos taxemas e domínios. Prosseguiremos neste caminho a fim de mostrar de qual maneira as diferentes isotopias se constituem em feixes construídos.

3.2. Convergência das isotopias em moléculas sêmicas

As isotopias se interpolam de duas maneiras no texto. No primeiro caso, os sememas estão indexados em várias isotopias, graças à neutralização ou ativação de um sema segundo uma norma socioletal ou idioletal. Neste caso, seria melhor falar sobre conexões entre isotopias que falar de molécula sêmica, já que os sememas mudam de acordo com os interpretantes escolhidos, ou seja, com um tipo de leitura promovido. No segundo caso, as isotopias mantêm entre si uma relação duplamente mediada, por suas conexões táticas¹⁸ e através de uma isotopia específica, a última que identificaremos: i6 (/oralidade/). Esta isotopia específica se desenvolve no texto segundo um modo total que implica sememas, lexias, frases e textos. Assim, à primeira vista, o que podemos identificar como recebendo o sema específico /oralidade/?

‘fable’ (‘fábula’): no sentido etimológico grego *fari*, “falar”.

‘enfant’ (‘criança’): no sentido etimológico grego, *infantem*, “que não fala”, do grego *fari*, “falar”.

‘lécher’ (‘lamber’): utilização do músculo lingual.

‘récital’ (‘recital’): baseado na voz, por conseguinte, a oralidade.

‘chanter’ (‘cantar’): baseado na voz, por conseguinte, a oralidade.

‘tout perclus’ (‘paradinho’): modo de falar oral.

‘Trou d’balle’ (‘fiofó’): gíria, por conseguinte, necessariamente de origem oral.

¹⁸ Tática: componente que regula o arranjo linear das unidades semânticas (Rastier, 1989, p. 281). T.N.

‘La fable qui...c’était’ (‘A fábula de infância que... isto era’): modo de falar oral com um « c » expletivo.

‘Un gros mor, un gros mor, un gros mor’ (‘um grande pe, um grande pe, um grande pe’): jogo com as possibilidades fônicas – orais – da linguagem para realizar o trocadilho “Gomorrhé” (“Gomorra”).

‘Freud-la-joie’ (‘Freud-o-goço’): Graças à analogia com os sobrenomes dos ladrões dos romances de Jean Genet que só usava gíria.

‘p’tit guichet’ (‘butico’): gíria.

‘tout large’ (‘toda larga’): modo de falar oral.

‘rondibé’ (‘rosca’): gíria.

‘Chanter du cul’ (‘cantar com o cu’): expressão desconhecida, hipoteticamente gíria.

‘!’: índice fraco de oralidade, mas com presença massiva (pontua cada frase do texto).

‘Sodome de Savoie’: cf. infra

‘Emile Gorgonzola’: cf. infra

‘Marx l’Explorateur’: cf. infra

Esta nova isotopia é suportada por um procedimento tático, ou seja, a maneira de introduzir a fábula parodiada com uma frase limiar: “La fable d’enfance qui avait tout ma préférence, c’était : ”. Esta coloca o texto que a segue na oralidade através da introdução de uma forma de declamação (os dois pontos seguidos pela abertura das aspas). Além disso, é culturalmente admitido que as fábulas de La Fontaine são estudadas com o propósito de uma restituição oral nas aulas do ensino fundamental, o que estigmatiza Verheggen em alguns textos. Assim encontramos em “Ce manche de la Fontaine” («Esse besta do la Fontaine»): “Mais bon Dieu d’bon Dieu, quand est-ce qu’on va virer des manuels ce la Fontaine de mes deux ?” (Verheggen, 2004, p. 81)¹⁹. Um outro procedimento tático próximo do primeiro explicado neste parágrafo suporta a oralidade da fábula do ponto de vista idioletal, trata-se da agramaticalidade da primeira frase da fábula restituída. Na realidade falta um verbo na frase principal já que o único verbo que se pode encontrar nesta é o da subordinada. Com certeza, a agramaticalidade não basta para definir a oralidade mas ela sustenta a nossa hipótese. Para terminar com a

¹⁹ “Mas meu bom Deus, meu bom Deus, quando é que vamos mandar embora dos manuais esse saco de La Fontaine?”. T.N.

fundamentação da isotopia que estamos refinando, é preciso dizer que a oralidade tem um caráter idioletal onipresente em Verheggen, caráter que o autor confessa frequentemente. Em “La langue m’échappe” (“A língua me escapa”), explica de que modo funciona para forjar seus trocadilhos: «Dois-je lire une publicité pour Pal, l’aliment royal canin, je lis illico Pal Claudel, le souper de chaque chien. Suis-je invité à voter vert, voter Ecolo, je vois – ou plutôt j’entends, c’est pareil, mon oreille tintinesque est camée ! – votez verres, votez Alcoolos ! » (Rogiers, 2005, p. 145)²⁰. Do mesmo modo, Verheggen explicou, na ocasião de uma Cátedra de poética que ocorreu na Universidade de Louvain-La-Neuve (na Bélgica) no 23 de abril de 2009, que para compor seus trocadilhos ele ouviu sempre uma sonoridade no lugar de outra. As consequências destas duas últimas notas são a indexação de três sememas excluídos a priori: ‘Sodome de Savoie’, ‘Émile Gorgonzola’ e ‘Marx l’Explorateur’. Os três recebem, de maneira aferente e mediante um indicador idioletal, o sema específico /oralidade/.

Com esta nova isotopia podemos iniciar a descrição precisa do que acontece nas interpolações semânticas do trabalho do autor. Esta perspectiva implica que nos concentremos na formação de moléculas sêmicas. A molécula sêmica é, na teoria de Rastier, “um grupo de semas, não necessariamente lexicalizados, ou cuja lexicalização pode variar”²¹ (Rastier, 1989, p. 279). É o que acontece nos casos que vimos até agora com os sememas nos quais cabem várias isotopias. Neste estágio do trabalho, para conseguir mostrar que são moléculas sêmicas, só falta formalizar os grupos de semas, descrever seus caracteres semânticos e verificar se a molécula constituída tem uma validade interpretativa. Para realizar isso, vamos pegar uma frase cuja decomposição ajudará a estabelecer o esquema da molécula. Assim, se pegarmos a frase de « Fable »,

Maître Renard par l’odeur attiré et
l’irrésistible envie de lui lécher le trou d’balle

²⁰ “Devo eu ler uma publicidade de Pal, o alimento Royal canin, leio em seguida Pal Claudel, o jantar de todo cachorro. Sou eu convidado a votar verde, votar Ecologista, eu vejo – ou sobretudo eu ouço, é parecido, minha orelha tintinesca está chapada! – vote taças, vote Alcóltras !”. T.N.

²¹ Rastier adiciona a esta nota, entre parênteses, que “Um “tema”, quando pode ser definido semanticamente, não é nada mais que uma molécula sêmica. (Rastier, 1989, p. 279). T.N.

le dispensait de tout récitation, pour lui promettre en échange de ce vrai régal, un sodome de Savoie et un gros mor, un gros mor, un gros mor (il en salivait d'avance, le salaud) un gros morceau de Gorgonzola!

e a reduzirmos em sequências principais, teremos:

[Maître Renard par l'odeur attiré] – [le dispensait de tout récitation] → (promettre) → [sodome de Savoie et un gros mor... un gros morceau de Gorgonzola]

[Mestre Raposa, pelo cheiro atraído] – [o isentava de qualquer recital] → (prometer) → [uma sodoma de Savoie e um grande pe... um grande pedaço de Gorgonzola]

A primeira parte pertence a i4 (/literatura/), já que vimos desde o começo que é uma fórmula retomada da fábula de La Fontaine. Na segunda²², a única palavra que foi identificada nas isotopias é “récital” (‘recital’) e foi indexado respectivamente em i3 (/política/), i4 (/literatura/) e i5 (/religião/). O verbo “prometer” estabelece a junção transitiva com o objeto. Este objeto é constituído por várias coisas que descreveremos. Assim, podemos isolar três objetos: ‘Sodome de Savoie’ → l’Tomme de Savoie’; ‘Sodome [...] et un gros mor’ → l’Sodome et Gomorrhé’; ‘Gorgonzola’. Segundo estas reescrituras temos, em ordem de aparição, i1 (/queijo/) com ‘Tomme de Savoie’, i2 (/anal/), i4 (/literatura/) e i5 (/religião/) com ‘Sodome e Gomorrhé’²³, finalmente i1 (/queijo/) com ‘Gorgonzola’. Isso posto, precisamos distinguir as isotopias para a próxima constituição de moléculas sêmicas. O âmbito desta distinção é o esclarecimento dos elementos identificados em termos mais simples ainda e mais geral, de modo que seja possível efetuar aplicações ao texto além da frase analisada. Portanto, achamos que é possível definir, por um lado, uma caracterização na qual cabem i3 (/política/), i4 (/literatura/) e i5 (/religião/) e, por outro

lado, uma caracterização na qual se encontram i1 (/queijo/) e i2 (/anal/). Esta diferenciação poderia se organizar ao redor da oposição fundamental //coerção// vs. //liberdade//, sobre a base da qual se desenvolvem, respectivamente, o sema genérico inerente ‘institucional’²⁴ e o sema específico ‘descarado’²⁵, que se referem a cada grupo isotópico agora definido: ‘institucional’ (i3; i4; i5) vs. ‘descarado’ (i1; i2). Somos agora capazes de propor a molécula seguinte, com a sua explicitação.

‘institucional’(i3; i4; i5) + i6 → ‘descarado’ (i1; i2)

Esta versão molecular da frase (mesmo que seja mais geral que a frase estudada neste parágrafo) estigmatiza a relação de inferência de tal modo que, na frase analisada, o autor opera um movimento de i4 (/literatura/) até i1 (/queijo/) e i2 (/anal/) graças à colocação das sequências em i6 (/oralidade/). Podemos descrever este movimento com: 1. Afirmação de i4 (‘Maître Renard par l’odeur attiré’); 2. Negação de i4 (‘dispensait de tout récitation’); 3. Coexistência de i4/i5 e i2 em i6 (‘Sodome de Savoie et un gros mor’); 4. Afirmação de i1 (‘Gorgonzola’). Observa-se o mesmo processo em vários lugares de “Fable”, como na frase seguinte « À ces mots, Maître Corbeau ne se sentait plus de Freud-la-joie et inconscient du danger, battait des ailes, frétilait du p’tit guichet et ouvrait tout large son rondibé! » (enfaticamos). A parte enfatizada se refere a i4 (/literatura/) segundo uma norma sociocultural e está, neste trecho, ligada i2 (/anal/) através dos sememas ‘Freud-la-joie’, ‘p’tit guichet’ e ‘rondibé’, os três identificados tanto em i2 (/anal/) como em i6 (/oralidade/). A mesma ativação vale para dar conta dos três trocadilhos “Sodome de Savoie”, “Emile Gorgonzola” e “Marx l’Explorateur”. Com efeito, todas as reescrituras funcionam. Por um lado, i4/i5 l’Sodome’, i3/i4 l’Emile Zola’, i3/i4 l’Marx’ e l’Max l’Explorateur’ correspondem ao sema

²² Deixemos de lado a sequência « et l’irrésistible envie de lui lécher le trou d’balle » (“e a vontade irresistível de lambe-la o fiofô”) para facilitar a clareza do desenvolvimento. Contudo, se tiver que a integrar, ela realiza a segunda parte dos verbos (“attirer” e “lécher”) que dividem “allécher” sobre uma base fônica. Do mesmo jeito, esta sequência realiza a segunda parte da paródia da fórmula da fábula de origem. Ela entra então em uma progressão com as próximas sequências, como o veremos logo.

²³ As justificativas das reescrituras estão nos anexos de cada isotopia (ver anexos 1, 2, 4 e 5).

²⁴ A coerção que nos serve para estabelecê-la faz parte do clasema de ‘instituição’, que é uma conjunção estabelecida de normas, instâncias e leis, que possuem o sema /coerção/ de modo inerente. Seria possível discutir o lugar da literatura na definição. Coloquemo-las como instituição de acordo com a sua definição por Jaques Dubois (Dubois, 2005).

²⁵ A liberdade que nos serve para estabelecê-lo faz parte do semantema de ‘descarado’, que se destaca por causa do seu caráter semântico, definido por ausência de ‘constrangimento’, ou seja, a correlação de ‘coerção’ no plano humano.

‘institucional’. Por outro lado, i1 l’Tomme de Savoie’, i1 l’Gorgonzola’ e i1 l’Explorateur’ pertencem à arqu-isotopia²⁶ específica ‘descarado’. Enfim, foi mostrado que as suas junções, o processo mesmo do trocadilho do autor, pertence a i6 (/oralidade/), o que autoriza conceber a ativação da molécula sêmica proposta. Portanto, o modelo funciona, até agora, para explicar as operações nos níveis do lexema, da lexia, do sintagma e da frase. Já se pode ver a operabilidade da molécula nestes quatro níveis. No entanto, ainda temos que demonstrar três coisas: a validade das arqu-isotopias (ou seja, descrever se o processo funciona com i3 e i4), o grau de generalização da molécula na obra de Verheggen e a operabilidade da molécula no nível do texto.

Será fácil de verificar a validade da arqu-isotopia. Se pegarmos o texto “Saint Fromages” (“Santos queijos”) que usamos para estabelecer i5 (/religião/), poderíamos ver que a transformação de “Pie I”, “Pie II” e “Pie III” em “Pue I”, “Pue II” e “Pue III” é efetuada graças à proximidade da substância sonora dos signos “Pie” (‘Pio’) e “Pue” (‘Fede’). O trocadilho pertence outra vez a processos orais e opera a transformação de i5 em i1 segundo o modelo específico: ‘institucional’ (i5) + i6 → ‘descarado’ (i1). Da mesma maneira funciona o trecho seguinte, tirado do mesmo texto: « si je répète la même opération avec quelques uns des saints fromages français [...] eh bien, qu’est-ce que j’ai ? Schlingue Benoît, n’est-ce pas ? et Schlingue Nectaire ... » (Verheggen, 2006, p. 98). Assim, se vê por um lado que a condensação das isotopias na arqu-isotopia ‘institucional’ tem validade, já que a molécula explica as malversações efetuadas com i5, e não somente i4. Por outro lado, já começamos a descrever a operabilidade mais geral da molécula, expandindo-a a outros textos. Continuamos este segundo caminho mostrando que a operação destacada explica a poética em vários outros textos. Assim, em « Portrait de l’artiste en Opéré-Bouffe » (“Retrato do artista quando operado-Bufa”): « Saint-Brieuc d’la queue en feu, priez pour eux ! [...] Sainte-Begge des démanagements, priez pour son croupion !...

²⁶ Propomos chamar desta maneira o movimento de identificação e de reunião isotópica das isotopias lexicalizadas. Isso foi citado por Rastier como *arquitemática* mas o funcionamento da arquitemática foi muito pouco explicado (Rastier, 1989, p. 65).

» (Verheggen, 2001, p. 22-23)²⁷. Nesse texto, assistimos à transformação de i5 (‘Saint-Brieuc’, ‘prier’, ‘Sainte-Begge’) em i3 (‘queue’ e ‘croupion’) graças a i6, materializada sob a forma da gíria. Do mesmo modo, no trecho « N’est-on pas en droit de se demander quel oiseau notre Esope de service nous présente là ? Un choucas à qui on peut dire comme à n’importe quelle nana chouke en bas bruxellois et qui ouvre tout de suite tout grand son troumlala ? » (Verheggen, 2004, p. 78)²⁸, a gíria (ou seja, i6) opera a transformação de i4 (‘oiseau’, ‘Esope’) em i2 (‘nana’, ‘bas bruxellois’, ‘tout grand’, ‘troumlala’). Se pegarmos outro texto, pode-se observar i6 sob a forma de trocadilhos, como no trecho seguinte: « Le Renard et le Corbillard (plutôt mourir en effet ! Sauf s’il avait à choisir entre la Vénus de Mimolette et l’Edam aux Camélias ! Là il y réfléchirait à deux fois mais pas la Camembert Michel ! » (Verheggen, 2006, p. 18-19)²⁹. A título de exemplo, uma molécula completa da segunda lexia enfatizada seria: ‘institucional’ (i4-l’Dames aux Camélias’) + i6 (trocadilho) → ‘descarado’ (i1-‘Edam’). Estes últimos trechos mostram que a molécula elaborada tem uma validade interpretativa grande em outros textos de Verheggen. Vimos também com estes exemplos que a descrição dos modos sob os quais i6 (/oralidade/) se manifesta deveriam ser complexificados. Apenas distinguimos entre o trocadilho e a gíria como procedimentos orais mas achamos que um estudo mais amplo poderia descrever as operações mais precisamente.

Finalmente, ainda falta mostrar a operabilidade da molécula no nível do texto entendido como unidade sêmica, explicar as consequências desta aplicação em termos de sentido no texto “Fable” e quanto à poética de Jean-Pierre Verheggen. Na

²⁷ “São Brieuc do rabo em fogo, orai por nós! [...] Santa Begge das cocéiras, orai por sua bunda!...”. T.N.

²⁸ “Não temos nós o direito de nos perguntarmos qual pássaro nosso Esope de serviço se apresenta aqui? Uma gralha a qual poderíamos dizer como a qualquer garota queridinha em baixo bruxelense e que abre imediatamente bem grandão seu roscófi?” T.N.

²⁹ “A Raposa e o Corbillard [Carro-funeario] (sobretudo morrer de fato! A menos que ela tenha escolhido entre a Vénus de Mimolette e o Edam das Camélias! Neste caso ela pensaria duas vezes, mas não a Camembert Michel!...)”. T.N.

³⁰ Ou seja, o nome de um romance de Alexandre Dumas Filho. Se tivéssemos que pegar a primeira lexia enfatizada “Vénus de Mimolette”, o resultado teria sido enriquecer a arqu-isotopia ‘institucional’ com outra isotopia lexicalizada: /artes/ e mais especificamente /artes plásticas/, com o jogo de palavras entre o queijo “Mimolette” e a “Vénus de Milo”.

realidade, a resposta à primeira pergunta implica em responder as outras. Então, no nível do texto mesmo, a molécula tem uma potência interpretativa grande segundo dois modos. No primeiro patamar, o texto “Fable”, sendo uma paródia do texto original de la Fontaine, realiza o modelo proposto, já que i4 (/literatura/) está presente nos trechos retomados da fábula inicial, o texto está tematicamente e taticamente trabalhado de maneira oral³¹ e que o resultado deste é a reunião da isotopia i4 (/literatura/) com i1 (/queijo/) e i2 (/anal/) que estabelecem a impressão referencial notada no começo da análise. Com o segundo patamar, chegamos às consequências da aplicação da molécula pelo sentido do texto analisado e pela poética de Verheggen. Neste nível, precisamos pensar em “Fable” como texto literário, fora da paródia. O texto se encontra numa coletânea, de tal modo que pertence à i4 (/literatura/) segundo uma norma sociocultural aferente. Também vimos numerosas ocorrências de i6 (/oralidade/), em vários níveis. Isso ocorre porque, se levarmos em consideração às declarações do autor quanto a suas práticas de escritura³², podemos pensar que a enunciação mesma do texto se apresenta como um processo especular com o qual o autor traz uma forma de desdramatização da escritura. Isso se opera do mesmo modo: segundo a malversação das unidades semânticas (tanto sema, semema, lexia e lexema como sintagma, frase e texto) de acordo com as transformações modelizadas com a molécula sêmica. O resultado da reunião isotópica que ela formaliza procura um efeito grotesco quando se efetua a reunião das arqui-isotopias formalizadas. Assim, neste patamar superior, a molécula permite explicar a poética mesma do Verheggen, tanto enquanto eco próximo como realização da ideia que “poeta ou não, não somos muita coisa, não é?”.

³¹ Ver a lista dos sememas de i6 acima

³² É possível encontrá-los em vários lugares, veja por exemplo : (1) “poeta ou não, não somos muita coisa, não é? Não somos nada mesmo !” (Rogiers, 2005, p. 145) T.N. (2) “Jean Pierre Verheggen faz mais que desvios, faz também reflexões a respeito da prática da escritura, por isso se pode vê-lo como poeticista.” (introdução à Cátedra de l’Université Catholique de Louvain-la-Neuve no 23 de abril de 2009). T.N. (3) «Os agitados do bucal» se tornam «Os agitados do bucal». Esse é o deslocamento que eu posso fazer” (Sturnack, 2010, p. 159). T.N. (4) “Então, isso faz com que eu tenha alguma coisa para dizer a respeito de alguma coisa, mas o resto são aproximações de palavras e reversões.” (Sturnack, 2010, p. 159). T.N.

4. Notas de conclusão: integração dos níveis de análise

Para terminar o percurso iniciado com a enumeração e a descrição isotópica, poderíamos esboçar uma integração dos elementos apresentados ao longo do artigo. O nosso processo se desenvolveu segundo três eixos que podem ser organizados em função do seu grau de generalidade. Assim, se pegarmos a tabela das integrações (ver Figura 5), vê-se que podemos fundamentar a análise segundo o nível de composição, com 1. o nível molecular que resultou da sintagmatização isotópica; 2. o nível isotópico que reúne os sememas e os organiza em isotopias variáveis, 3. o nível tópico no qual se distribuem os semas, com a ativação de um interpretante segundo as normas estudadas. Cada nível oferece um ponto de vista analítico diferente, que vai da macroestrutura à microestrutura e que passa pelo estudo dos temas no sentido comum (nível isotópico). Cada nível se encarrega de um tipo de descrição e, no caso apresentado, permite uma descrição precisa tanto das obsessões de um autor como do funcionamento da sua poética. Além disso, se analisarmos mais finamente as relações entre as dependências do nível molecular no nível tópico, pode-se observar cada realização específica da molécula no mais preciso patamar sêmico. É assim que, se tivermos que efetuar uma leitura que privilegia um tema proposto pelo texto, poderíamos estabelecer relações entre as isotopias específicas ativadas no nível tópico, por exemplo, reconhecer as correlações entre ‘massa mole’³³ e ‘socialismo’ e/ou ‘(literatura) clássica’³⁴. Tal proposta corresponderia a desvalorizar ‘socialismo’ e ‘(literatura) clássica’, colocando-os numa relação sistemática com ‘massa mole’, expressão que indica – de acordo com uma norma sociocultural – “uma pessoa sem caráter, sujeita a todas as influências”, como nos ensina o dicionário Le Robert (T.N.). Isso

³³ Com efeito, todos os queijos mencionados no texto são do tipo (reconhecido) “massa mole”: ‘Maroilles’, ‘Tomme de Savoie’, ‘Gorgonzola’ e ‘Explorateur’.

³⁴ As três lexicalizações representam três isotopias específicas que se juntam nesse nível, de acordo com a proposta de Rastier, quando afirma que “as moléculas sêmicas induzem, graças a suas recorrências, feixes de isotopias específicas” [...], cujas ocorrências textuais podem aparecer com graus de tipicidade muito variáveis” (Rastier, 1989, p. 57) T.N.

realiza então, por fim, uma união particular no nível tópico, que refina ainda mais as especificidades semânticas, embora estejam na mesma rede relacional descrita com a molécula sêmica. Esta última nota reúne, então, a nossa proposição de uma molécula sêmica de arqui-isotopias com as perspectivas estabelecidas por Rastier da molécula sêmica que lida com as isotopias específicas. ●

Nível molecular	Nível isotópico	Nível tópico
‘institucional’	Grau de genericidade: micro: / meso: i3, i4, i5, (i7) macro: /	Inerência/afêrência idioleto / socioleto i3: ‘socialismo’ i4: ‘(lit.) clássica’
/Isotopia específica/	I6 (/oralidade/)	Análise tópica: -ativação cultural -idioleto do autor: poética
‘descarado’	Grau de genericidade: micro: i1 meso: / macro: i2	Inerência/afêrência idioleto/socioleto i1: ‘pâte molle’

Figura 5 –Integração dos níveis analíticos.

Referências

- Dubois, Jacques
2005. *L’institution de la littérature*: introduction à une sociologie. Bruxelles: Labor.
- Logiciel « Dictionnaire le Littré » par Murielle Descerisiers (logiciel est un programme informatique développé au Québec et servant à consulter le dictionnaire de la langue française d’Émile Littré). © Murielle Descerisiers, 2009 URL: <<http://dictionnaire-le-littré.googlecode.com/>>.
- Rastier, François
1989. *Sens et textualité*. Paris: Hachette.
- Rogiers, Patrick
2005. *La Belgique, le roman d’un pays*. Paris: Gallimard.
- Sturnack, Lionel
2010. *Les scénographies de l’écriture: entretiens auprès d’auteurs belges sur leur rapport à leurs*

[*espaces et objets de travail*](#), 2010, 215 f. (Dissertação – Master em Linguas e literaturas francesas e romanas, a finalidade aprofundada), Faculté de Philosophie et Lettres, Université de Liège, *Liège*.

Verheggen, Jean-Pierre
1978. *Le degré Zorro de l'écriture*. Paris: Christian Bourgeois.

Verheggen, Jean-Pierre
2001. *On n'est pas sérieux quand on a 117 ans*. Paris: Gallimard.

Verheggen, Jean-Pierre
2004. *Du même auteur chez le même éditeur*. Paris: Gallimard.

Verheggen, Jean-Pierre
2006. *L'idiot du Vieil-Âge, excentries*. Paris: Gallimard.

Anexo

Justificativas das indexações dos sememas para cada isotopia, caso o sema seja atribuído de acordo com normas textuais (idioletais) ou socioculturais (socioletais).

1. I1 – isotopia microgenérica

/queijo/

Sememas com sema aferente – norma textual/idioletal:

‘Pâte molle’ (‘massa mole’): qualifica o ‘Quart Maroilles’, ele mesmo um queijo de massa mole.

‘Régal’ (‘delícia’): vínculo anafórico com ‘Quart Maroilles’.

‘Odeur’ (‘cheiro’): o cheiro é componente do queijo (entre outros).

‘Morceau’ (‘pedaço’): delinea uma parte de queijo.

l’‘Joie’l (l’‘gozo’l): emoção agradável devido à ideia do consumo do queijo (entre outros).

‘partager’ (‘compartilhar’): a ação é direcionada para o queijo (entre outros).

2. I2 – isotopia específica

/anal/

Sememas com sema aferente – norma textual/idioletal:

‘Sphincter’ (‘esfíncter’): qualificado de « anal ».

‘Régal’ (‘delícia’): vínculo anafórico com ‘trou d’balle’ (‘fiofó’).

‘P’tit guichet’ (‘butico’): abertura que permite a passagem de objetos. Recebe o sema de modo anafórico.

‘Odeur’ (‘cheiro’): cheiro do queijo em i1, mas também do esfíncter anal.

‘Attirer’ (‘atraer’): atração para o queijo em i1 e para o esfíncter anal.

‘Envie’ (‘vontade’): repetição da atração. Vale pelos mesmos sememas e recebe, então, o sema macrogenérico.

‘Saliver’ (‘salivar’): devido ao vínculo tático de causalidade entre a atração e o traseiro.

‘Salaud’ (‘bastardo’): qualificação do sujeito da salivação pela vontade.

‘Lécher’ (‘lamber’): o ato é dirigido para ‘trou d’balle’ (‘fiofó’), indexado na coluna dos semas inerentes..

‘Joie’ (‘gozo’): devido à vontade do queijo e do traseiro, recebe o sema macrogenérico.

‘Frétiller’ (‘abandar’): se mexer por movimentos curtos e rápidos. Vínculo tático com ‘p’tit guichet’ (‘butico’).

‘Maître’ (‘Mestre’): em comparação com « maîtresse », no sentido de adultério.

‘Partager’ (‘compartilhar’): vínculo com o traseiro a que a ação está dirigida.

‘Explorateur’ (‘explorador’): o único percurso físico (explorar o pressupõe) proposto pela Raposa é pressuposto como o do coito, este sendo anal.

Sememas com sema aferente – norma cultural/socioletal:

‘Freud’: o estágio anal é um dos estágios que a criança vive durante seu desenvolvimento, segundo as teorias freudianas popularizadas.

‘Enfance’ (‘infância’): pode se relacionar ao estado freudiano descrito.

l’‘Gomorrhe’l (‘Gomorra’): Cidade castigada por Deus, segundo as Escrituras, por causa de práticas sodomitas. O tema percorre a literatura, com referências à cidade de Gomorra (com Sodoma). Ver na parte consagrada a i4 (literatura/).

‘Moralité’ (‘moralidade’): em relação direta com a ética, esta é cultural e proíbe, em vários casos, a prática do coito anal. Neste caso, como o veremos com a quinta isotopia (/religião/), esta prática aparece como errada.

3. I3 – Isotopia mesogenérica

/política/

Sememas com sema aferente – norma textual/idioletal:

‘vrai’ (‘real’): pode qualificar os valores que o discurso político emite.

‘mots’ (‘palavras’): estão na base de todo intercâmbio retórico, por conseguinte, da política.

‘arbre’ (‘árvore’): esquematização da hierarquia política.

‘perché’ (‘empoleirado’): pode qualificar uma situação alta em política.

‘maître’ (‘Mestre’): exercício da autoridade.

‘envie’ (‘vontade’): ambição política.

‘lécher’ (‘lamber’): em relação à expressão « lécher le cul/ ou les bottes » (‘lamber alguém’); cf. na perspectiva da ambição política.

‘moralité’ (moralidade): a política é inseparável da ética.

‘partager’ (‘compartilhar’): repartição dos bens, numa política comunista.

‘premier’ (‘primeiro’): pode qualificar a situação de alguém numa hierarquia.

l’‘premier venu’l (‘primeiro vindo’): caracteriza o arrivista na política.

Sememas com sema aferente – norma cultural/socioletal:

l'‘Marx’’: Marx está na origem da problematização da luta de classe, com uma parte politizada até hoje.

l'‘Emile Zola’’: autor esquerdista.

‘récital’ (‘recital’): no sentido de « belles paroles » (retórica), a política usa discursos que privilegiam a retórica à lógica.

‘fable’ (‘fábula’): num sentido particular, significa uma mentira elaborada.

‘promettre’ (‘prometer’): em geral, no que se baseia uma campanha política.

‘pousser du col’ (‘se achar o máximo’): « prendre de grands airs », pode descrever a pessoa que se torna poderosa politicamente.

‘Corbeau’ (‘Corvo’): se pode dizer de um homem inteligente e sem escrúpulos.

‘Renard’ (‘Raposa’): emblemático do ardil, representa o governo nos discursos de vários autores.

I4 – isotopia mesogenérica /literatura/

Sememas com sema aferente – norma cultural/socioletal:

‘morceau’ (‘pedaço’): fragmento de texto

‘mots’ (‘palavras’): faz parte de toda literatura como condição de possibilidade.

‘Maître Corbeau’ (‘Mestre Corvo’): fórmula consagrada da fábula do La Fontaine, significa a entrada no domínio //literatura//.

‘sur un arbre perché’ (‘numa árvore empoleirado’): idem

‘Maître Renard’ (‘Mestre Raposa’): idem

‘Sodome’ (‘Sodoma’): cidade bíblica das Escrituras. Também faz parte do título de dois romances, um do Marquês de Sade, outro de Marcel Proust: Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem e Sodoma e Gomorra.

l'‘Gomorrhe’ (l'‘Gomorra’): cidade bíblica das Escrituras, faz parte do título de um romance de Marcel Proust: Sodoma e Gomorra.

4. I5 – isotopia mesogenérica /religião/

Sememas com sema aferente – norma cultural/socioletal:

‘fable’ (‘fábula’): Narrativa mitológica relativa ao politeísmo.

‘Maître’ (‘Mestre’): posição superior na espiritualidade.

‘Corbeau’ (‘Corvo’): relativamente tanto a uma norma sociocultural como idioletal, o corvo significa os clérigos.

‘fromage’ (‘queijo’): relativamente tanto a uma norma sociocultural como idioletal. Os queijos usados nos textos são quase sempre queijos de abadia (vínculo cultural) e cf. Supra para o vínculo idioletal.

‘arbre’ (‘árvore’): modelo da hierarquia eclesiástica.

‘perché’ (‘empoleirado’): qualificação da altura da posição na hierarquia eclesiástica.

‘envie’ (‘inveja’): um dos sete pecados capitais.

‘odeur’ (‘cheiro’): referência tanto sociocultural (a expressão « Odeur de Sainteté » (« cheiro de santidade ») como idioletal. (a atualizações da expressão como em “L’idiot du vieil-âge” (Verheggen, 2006, 97).

‘attiré’ (‘atraer’): entendido no sentido vocacional.

‘irrésistible’ (‘irresistível’): Idem.

‘vrai’ (‘real’): O que quer toda religião dando os seus preceitos.

‘récital’ (‘recital’): enunciação oral estudada dita, como várias rezas.

‘promettre’ (‘prometer’): caracteriza um compromisso na religião.

‘mots’ (‘mots’): em última análise, são o vestígio dos preceitos dos padres fundadores.

‘Sodome’: cf. supra.

‘joie’ (‘gozo’): início do êxtase e da felicidade.

‘moralité’ (‘moralidade’): cf. supra.

‘chanter’ (‘cantar’): cf. ‘récital’.

‘col’ (‘gola’): se refere à sinédoque que chama os padres de ‘cols raides’ (‘gola lisa’).

‘partager’ (‘compartilhar’): se pode referir as ações de partilha da última cena, como outras na Bíblia.

‘relire’ (‘ler novamente’): a Bíblia suporta quatro tipo de leituras exegéticas, quatro leituras novas.

‘Marx’: cf. supra.

Dados para indexação em língua estrangeira

Sturnack, Lionel

Le renard, le fromage et le corbeau: analyse de sémantique interprétative de “fable” de Jean-Pierre Verheggen

Estudos Semióticos, vol. 8, n. 1 (2012), p. 25-42

ISSN 1980-4016

Résumé: *Le texte sur lequel nous nous penchons dans cette analyse de sémantique interprétative fait partie du recueil On n'est pas sérieux quand on a 117 ans et se situe dans la section « Portrait de l'artiste en enfant idiot » dudit recueil. Cette section comporte des textes relatifs à des souvenirs de l'enfance de l'auteur. Le texte étudié apparaît d'emblée être un pastiche de la fable « Le corbeau et le renard », de La Fontaine. En effet, quelques formules phares de la fable originale ont été conservées, les acteurs y sont semblables et, bien que détourné, le procès y est identique. Une première étape, brève, consistera en la démonstration de cette parenté avec la fable d'origine. Il s'agira ensuite d'effectuer une première lecture, toute symbolique, de la fable étudiée afin d'en caractériser l'impression référentielle et en voir les effets produits. Enfin, nous nous attacherons à relire la fable à la manière dont le texte lui-même semble le proposer, en en extrayant des faisceaux isotopiques sous-jacents. Il s'agira, au terme de l'analyse, de mettre en lumière à la fois des procédés formels et des récurrences sémantiques à l'œuvre chez Verheggen. À cette fin, nous proposons d'étendre l'analyse thématique aux dénominations des isotopies et de composer les molécules sémiques sur cette base nouvelle.*

Mots-clés: *sémantique interprétative, isotopie, poétique, Jean-Pierre Verheggen, François Rastier*

Como citar este artigo

Sturnack, Lionel. A raposa, o queijo e o corvo: análise à luz da semântica interpretativa de uma fábula de Jean-Pierre Verheggen. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiologica/es>. Editores responsáveis: Franciso E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 25-42. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 13/12/2011

Data de sua aprovação: 05/05/2012
